

NÃO PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3713/3726/3728 — BISSAU

SITUAÇÃO EM ANGOLA

"LINHA DA FRENTE" APELA AJUDA MILITAR AFRICANA

Os chefes de Estado e do Governo dos seis países membros da «linha de frente» e o presidente da Nigéria renovaram na sexta-feira passada, em Lagos, o seu apelo à OUA, no sentido de combater a política sul-africana, insistindo, pela primeira vez, no aspecto militar que esta ajuda deveria tomar, a fim de permitir a Angola fazer face às invasões sul-africanas, a última das quais causou de momento 700 mortos. (Ver pág. 7)

Reunidos na capital nigeriana para examinar a situação na África Austral e particularmente em Angola, os presidentes Julius Nyerere (Tanzânia), Kenneth Kaunda (Zâmbia), Samora Machel (Moçambique), Quett Masire (Botswana), Eduardo dos Santos (Angola), Shehu Shagari (Nigéria), o Primeiro-Ministro do Zimbabué, Roberto Mugabe e o presidente da Swapo, Sam Nujoma, criticaram severamente o apoio da administração americana ao regime racista de Pretória.

A cimeira elogiou a Comunidade Económica Europeia pela sua condenação da intervenção militar sul-africana em Angola, no decurso da actual sessão especial da Assembleia Geral da ONU sobre a Namíbia.

Os observadores sublinharam que é a primeira vez que a ajuda militar africana à República Popular de Angola é evocada com tanta insistência pelos Estados da «linha de frente». No seu discurso de abertura da reunião, o presidente Julius Nyerere salientou que «o tempo dos discursos terminou» e que só uma verdadeira «luta armada poderia agora acelerar o processo de independência da Namíbia».

No entanto, o chefe de Estado tanzaniense indicou que no final da cimeira, a «linha de frente» não ia revelar «quais são os nossos planos para fazer face aos ataques inimigos».

Por seu lado, o ministro zambiano dos Negócios Estrangeiros, Lameck Goma, pediu também aos países africanos para ajudarem Angola a repelir a invasão sul-africana. «Se não fizermos nada para ajudar Angola a combater o inimigo, encorajaremos a África do Sul a invadir outros Estados africanos independentes».

ASSEMBLEIA DE MILITANTES DO PAIGC EM BISSAU TERMINA HOJE (pág. — 3)

NINO VIEIRA NA SEMANA DA JUVENTUDE

● QUEREMOS CONSTRUIR A NAÇÃO GUINEENSE

● A REVOLUÇÃO COMEÇA NO CAMPO

● VAMOS REAFIRMAR DECISÕES DO III CONGRESSO



página. — 8

DIA DA NACIONALIDADE

FELICITAÇÕES À GUINÉ-BISSAU

Vários Chefes de Estado e diversas personalidades dos diferentes quadrantes do mundo enviaram mensagens de felicitações ao Presidente Bernardo Vieira por ocasião do Dia da Nacionalidade.

O ponto comum de todas as mensagens chegadas à nossa Redacção refere-se ao estreitamento dos laços de amizade e reforço da cooperação com o nosso país.

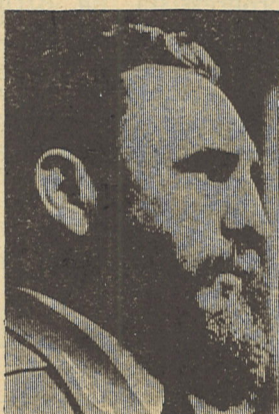
Destacamos as mensagens dos Presidentes do Zimbabué, Canan Banana, do Madagascar, Didier Ratsiraka, do Burundi, Jean Baptiste Bagasa, do Togo, Yadema, da Costa do Marfim, Houfouéht Boigny, dos Emiratos Árabes Unidos da Romeno, Nicolay Ceaucescu, da Albânia, Haaxhi Leshi, da Jugoslávia, Sergey Kharigher, da República Democrática Alemã, Erick Honecker, da Húngria, Paul Losonezi, da Finlândia, Urho Kokkonen, do Chipre, Spyros Kypryanus, dos EUA, Ronald Reagan, da Mongólia, Yu Tsendenbal, do Secretário-Geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, do rei da Espanha Juan Carlos, do Presidente do Banco Africano de Desenvolvimento, Wila Mung Omba, do director-geral da FAO, Edward Souma, e do encarregado de negócios da Embaixada do Canadá no Senegal, Ianc Ferguson. Entretanto, continuam a chegar a Bissau mais telegramas de felicitações.

NESTA
EDIÇÃO:

**NICARÁGUA
ENFRENTA
CRISE
ECONÓMICA**

(pág.-7)

MENSAGEM DE FIDEL CASTRO



O Presidente do Movimento dos Não-Alinhados, camarada Fidel Castro enviou mensagens aos Chefes de Estado dos países membros desta organização solicitando um rápido reconhecimento do jovem Estado de Belize que ascenderá à independência no dia 24 do mês em curso.

Assim no telegrama enviado ao Presidente do Conselho da Revolução, Nino Vieira, Fidel Castro sublinha que «no decorrer destes longos anos a intensa actividade desenvolvida pelo Movimento dos países Não-Alinhados, em favor da descolonização e em especial na área do Caribe, tem desempenhado um papel relevante, através de uma efectiva solidariedade que tem contribuído de forma importante para o êxito desta histórica e justa causa do povo de Belize».

Faltas de casas em Bissau um desafio ao Governo

Camarada Director:

Como leitor assíduo do «Nô Pintcha», tenho acompanhado de perto a polémica que se levanta à volta da falta de casas em Bissau e, sobretudo, dos critérios de aluguer. Pude então constatar que o assunto, felizmente, já mereceu atenção dos nossos governantes, uma vez que é o próprio Governo, na pessoa de um dos seus membros a alertar sobre a ganância de (certos) senhorios que na ânsia de se enriquecerem rapidamente, alugam as suas casas só a estrangeiros e de preferência aos que pagam em divisas. Digo certos porque felizmente outros há que ainda não se deixaram corromper pela «doença» de encher o bolso com dólares ou francos ou ainda de ver as suas casas transformadas em palacetes, (quando alugadas a embaixadas ou cooperantes), o que nem todos os nacionais conseguiriam fazer. Tais práticas representam, a meu ver, um autêntico desafio às leis em vigor no país sobre a matéria.

Há tempos, num responde o povo publicado pelo vosso conceituado jornal, várias pessoas pronunciaram-se sobre a questão, tendo alguns atribuído as anomalias à falta de transporte, o que não encoraja as pessoas a procurar casa fora da cidade, sobretudo os funcionários. A não execução dos projectos habitacionais tão propagandeados tempos atrás, foi também outro motivo alegado. Claro que o factor «cunha» não é alheio ao facto porque, como disse um dos entrevistados, agora em Bissau só se consegue casa através de cunhas ou por influência de pessoas com certa posição.

Entretanto, o cúmulo de tudo isto reside no facto de muitos senhorios se recusarem a alugar as casas, alegando que o Banco não lhes faculta a transferência. Outros ainda inventam historietas de processos no tribunal para manterem as casas fechadas e poderem leiló-las mais à vontade. Ou — o que vem sendo frequente, — pedem a casa aos antigos inquilinos a quem não podem aumentar a renda, desculpando-se que vão fazer remodelações. Mal estes saem já estarão outros inquilinos, porque já têm uma combinação com o senhorio, que mais não faz que umas pinturas ou substituição de portas ou de redes nas janelas e alugam a casa a preço de um ano. O inquilino, coitado, na falta do melhor, resigna-se a tirar a avultada soma do modesto salário para não ter que ficar na rua com a família.

Lamentavelmente é que estes factos não se registam só com os particulares, pois mesmo os organismos estatais responsáveis pelas casas pertencentes ao Estado contribuem para deteriorar a situação. Isso porque muitas vezes uma pessoa vai lá pedir casa e dizem que há vagas mas que já têm pedidos de entidades oficiais. Só que, passado tempo, as casas são ocupadas por inquilinos que nada têm de oficial. Será uma vez mais obra do Sr. «CUNHA»? Outras desculpas ainda apresentadas são de que as casas foram solicitadas por «gente grande». Pergunto: que gente grande? Algum responsável do Partido ou do Estado ou aqueles que, por serem detentores de bens, ocupam certa posição social? E para quem são essas casas? Será que também essa «gente grande» se dá ao luxo de reter as chaves das casas para depois distribuir às pessoas de família ou amigos? São essas as dúvidas que se colocam à volta do mistério de casas, embora me custe acreditar que a intenção seja realmente essa. Mas então, tratando-se de pedidos oficiais, porque não dizer a verdade às pessoas em vez da história de «gente grande», que só serve para criar confusão e fomentar a especulação por

(Continua na página 6)

Cooperação com a URSS no domínio da meteorologia

A Guiné-Bissau e a União Soviética vão iniciar uma cooperação bilateral no domínio da meteorologia. Nesta perspectiva, segue na próxima sexta-feira para aquele país, a convite do Comité de Estado Hidrometeorológico da URSS, uma delegação composta por quatro pessoas do Serviço Meteorológico nacional, chefiada pelo seu director, camarada António Pereira.

Segundo a agenda de trabalhos previamente estabelecida, o camarada António Pereira afirmou

que espera obter do Governo Soviético uma ajuda substancial para a melhoria das comunicações meteorológicas a nível nacional e viaturas para os serviços de inspecção das estações e postos de observação do interior do país. Pretende-se conseguir também a cedência de técnicos para ajudarem na montagem de novos postos no interior.

A delegação guineense visitará os centros meteorológicos de Alma Ata, Minsk e Leninegrado, e terá as sessões de trabalho em Moscovo.

QUATRO BOLSEIROS NA URSS

Como resultado das conversações anteriormente estabelecidas em Bissau, seguiram para a União Soviética, em 28 de Agosto último, 4 funcionários do Serviço Meteorológico nacional, contemplados com bolsas de estudo por aquele país. Uma das bolsas é para curso superior com duração de seis anos, e as três restantes para cursos médios de quatro anos incluindo estágio prático.

Reunião sobre cultura

Em representação do Ministro da Informação e Cultura, encontra-se em Cotonou, capital do Benin, a camarada Luísa Borges, responsável pela Direcção-Geral da Cultura, com a finalidade de participar na reunião dos países membros da A.C. C.T. (Agência de Cooperação Cultural e Técnica). Esta reunião que se iniciou hoje, quarta-feira, deve prolongar-se até ao próximo dia 19.

Comissão prepara Ano dos Deficientes

A Comissão Nacional, criada recentemente para preparar o Ano Internacional dos Deficientes na Guiné-Bissau, vai proceder brevemente ao recenseamento e registo, em todo o território, dos diminuídos físicos, reunir a documentação necessária sobre o Ano Internacional dos Deficientes, preparar os projectos nacionais nos vários domínios de interesse ligados às questões dos deficientes, solicitar a ajuda dos organismos internacionais e, juntamente com os órgãos de

informação, sensibilizar a opinião pública nacional sobre o Ano Internacional dos Diminuídos Físicos.

Esta comissão, formada por representantes do Secretariado Nacional do PAIGC, Secretaria de Estado dos Combatentes da Liberdade da Pátria, Ministérios da Saúde e Assuntos Sociais, Educação Nacional, Transportes, Turismo e Comunicações e Informação e Cultura, tem-se reunido normalmente começando assim a

dar os primeiros passos, e m b o r a atrasados, no sentido de fazer algo para os deficientes guineenses, civis e militares.

Na próxima reunião, convocada para o dia 17, será analisada a questão relacionada com o fundo da Comissão.

Mário Cabral na UNESCO

A fim de participar numa reunião do Conselho Executivo da Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura (UNESCO), cujos trabalhos se iniciaram na segunda-feira em Paris, encontra-se na capital francesa, o

camarada Mário Cabral, Ministro da Educação Nacional.

Saliente-se que a República da Guiné-Bissau foi eleita no ano passado membro do Conselho Executivo deste organismo.

Responde o povo

O que pensa da invasão a Angola?

Mais uma vez as tropas racistas sul-africanas invadiram o território livre e independente da República Popular de Angola, massacrando populações inocentes e privando assim o povo angolano da paz, conquistada à custa de sacrifícios consentidos pelos seus melhores filhos na luta contra a dominação colonial portuguesa.

Desde a independência que a República Popular de Angola tem sido agredida pelas tropas de Pretória, que penetram no território angolano espalhando a morte e a destruição. Perante esta situação interrogámos hoje três pessoas sobre o que pensam desta agressão a um país soberano de África.

CONFIO NAS FAPLA

Lúcia Maria Lopes, 19 anos, estudante — «Eu penso que a invasão de Angola por tropas da África do Sul é um atentado contra a soberania daquele país independente. Os sul-africanos querem destabilizar aquele país irmão o que nós os guineenses condenamos energeticamente. Mas eu confio nas FAPLA (Forças Armadas angolanas) e no heróico povo angolano. Eles estão habituados a lutar porque foi através de uma luta árdua e heróica que correram com

os colonialistas portugueses do seu país. E como ganharam aquela guerra, nesta também sairão vitoriosos.

Os sul-africanos não perdoam o povo angolano que conseguiu implantar uma sociedade progressista na África Austral. Eles querem é dominar esta zona do nosso continente para continuar a realizar as suas manobras segregacionistas. Mas isso não vai ser possível.»

MOMENTOS DE AFRONTA

Martinho Indami, 28

anos, desempregado — «Eu penso que todos os jovens guineenses apoiam o povo angolano que vive momentos de afronta pois estão a ser atacados e massacrados no seu próprio país. Tenho mesmo a certeza que todos os jovens da Guiné-Bissau estão prontos a combater ao lado do povo da República Popular de Angola contra os racistas da África do Sul, porque de certeza o mesmo acontecia com os jovens angolanos se porventura fossemos também invadidos. Eu acho que a OUA, o Movimento dos Não Alinhados e a ONU devem tomar posições duras contra esta situação porque a RPA sofreu, desde a sua independência uma série de invasões das tropas da África do Sul. Eles têm medo que uma situação de paz em Angola influencie a luta do povo da Namíbia para a sua libertação total. É isso quanto a mim o

que os sul-africanos não querem que aconteça.»

„A VITÓRIA É CERTA

Fernando da Silva, 31 anos, professor de posto — «Se eu fosse mais jovem e não tivesse família tenho a certeza que iria combater em Angola para dar a minha modesta contribuição à luta de um povo contra uma potência racista e imperialista. Acho que isto é demais. O povo angolano ainda tem em mente os sacrifícios que dispensou durante a guerra colonial. Ainda nem reconstruiu o seu país e já tem que enfrentar outra agressão. Nós os africanos temos que tomar posições claras e desmascarar a atitude dos racistas sul africanos. Ao povo angolano o meu total e incondicional apoio, pois que não devem esquecer que a luta continua mas a vitória é certa.

Semana cultural na URSS

O abraço da Guiné-Bissau

Uma semana da arte e cultura da Guiné-Bissau decorreu em pleno êxito de 24 de Agosto a 7 de Setembro na URSS.

No último dia, o «ballet» nacional «Esta é a nossa Pátria Amada» apresentou durante duas horas a peça «Okinka Pampa» na Sala de Concertos da Televisão. Ao espectáculo assistiram o Vice-ministro soviético da Cultura, altas individualidades soviéticas, embaixadores africanos e numeroso público.

Actuando por cidades aonde, pela primeira vez, se deslocavam artistas africanos, o «ballet» nacional e o conjunto instrumental chefiado por Ernesto Dabó, fizeram encher plateias

sendo uma tradução necessária do «nosso ardente desejo de consolidar as relações entre os nossos dois partidos, o PCUS e o PAIGC, unidos pelos vínculos da luz intransigente pela



e arrancar fortes aplausos do público. Foi uma clara demonstração, para além do aspecto meramente artístico, daquilo que Augusto Pereira da Graça (Neco) nosso embaixador em Moscovo, classificaria como

paz, distensão e segurança internacionais».

Augusto Pereira da Graça inaugurava então uma exposição de pintura do grupo dinamizador de artes plásticas e artesanato da UNTG, na Casa de Amizade com os

Povos dos Países Estrangeiros, na presença dos sub-Director da C.A. P.P.E., do Secretário Geral da Associação de Amizade com os países de África, de embaixadores africanos e jornalistas.

Para o embaixador guineense «a inauguração desta pequena exposição é o testemunho irrefutável do intenso trabalho dirigido não só para fortalecer as relações de amizade e desenvolver a cooperação, mas também promover permanentes intercâmbios culturais entre a Guiné-Bissau e a URSS».

Um desejo que começou com a ida desta embaixada cultural de 54 elementos (40 do «ballet», 11 do conjunto, um cineasta, um jornalista e um fotógrafo), apesar de estar consignada desde 1975 no Acordo Científico e Cultural assinado entre os nossos dois países. As maiores dificuldades puseram-se à Guiné-Bissau em como financiar a deslocação, alimentação e alojamento de uma vasta delegação como esta. Finalmente, o Ministério Soviético da Cultura aceitou em chamar a si essa responsabilidade em colaboração com o Ministério da Informação e Cultura de Bissau

e nossa embaixada em Moscovo a quem coube a tarefa de organizar o périplo pela República Socialista Federativa Soviética da Rússia.

Kislovodski, Piatigorsk, Essentuki são cidades da Região do Cáucaso, uma zona destinada sobretudo ao descanso dos trabalhadores pelo seu clima e uma água medicinal de alta qualidade chamada «Narzan». A delegação, foi recebida por altos responsáveis da primeira cidade, bem como por responsáveis sindicais dos Balneários.

Foram quatro dias de espectáculos antes da delegação seguir de comboio para Krasnodar, cidade perto do Mar Negro. Aqui foi feito o maior número de espec-

táculos de 30 de Agosto a 2 de Setembro.

A nossa delegação foi recebida de braços abertos. Os mais entusiastas eram os nossos estudantes que não deixaram escapar a oportunidade para organizar encontros (e mesmo um jantar), para saber «nobas» e receber as cantigas da terra.

De Krasnodar foi um pulo de quatro horas de autocarro até Rostov-sobre-o-Don, onde o único espectáculo fez lotar uma plateia de cerca de mil lugares a três rublos cada lugar (considerado um luxo relativamente aos preços regularmente praticados).

A última representação antes do regresso a Moscovo, teve lugar em Taganrog, cidade portuária no Mar de Azove que presenteou os nossos artistas (os primeiros africanos a ali actuarem) com um óptimo acolhimento.

O sucesso desta via-

gem cultural e de amizade é por demais evidente. Não se pode esquecer o apoio dado pelo Ministério soviético da Cultura que desatou quatro intérpretes para acompanhar os artistas. Como também não é de mais registar com apreço o incansável trabalho da nossa Embaixada em Moscovo, que designou dois funcionários que fizeram todo o périplo com a delegação cultural, e mais do que ninguém viram os benefícios de tais iniciativas.

Um forte aplauso e muito carinho para os nossos artistas do «ballet» nacional «Esta é a nossa Pátria Amada» que demonstraram um alto grau artístico e disciplinar, e uma extrema força de vontade nas acções mesmo com situações contrárias como o clima, e o regime alimentar vincadamente diferentes.



Termina hoje assembleia de militantes de Bissau

A II Conferência do Comité do Partido do Sector Autónomo da Cidade de Bissau deve terminar hoje os seus trabalhos. Esta reunião teve início na segunda-feira sob a presidência do camarada Samba Lamine Mané, do Comité Permanente do CNG e Presidente do Comité do Partido na capital.

A Assembleia dos militantes do Partido no Sector Autónomo da cidade de Bissau tem por objectivo fazer o balanço das actividades deste órgão do Partido, eleger novos membros, discutir o anteprojecto das Teses, dos Estatutos e do Programa do PAIGC para o Primeiro Congresso Extraordinário e analisar a situação financeira do Partido.

Na intervenção de abertura, o camarada Samba Lamine Mané frisou a necessidade de «proceder com máxima urgência a reestruturação dos órgãos do Partido com vista a dinamização

efectiva da vida partidária» pois são decisões emanadas das reuniões do CNG após o glorioso Movimento 14 de Novembro. O camarada Samba Lamine prosseguiu o seu discurso afirmando que «a nova dinâmica imprimida na revitalização do PAIGC permitir-lhe-á desempenhar cabalmente a sua função de enquadrador, mobilizador e organizador das massas populares para a grande obra de reconstrução nacional».

Ainda no seu discurso, este dirigente felicitou

os camaradas da Comissão Dinamizadora no Sector Autónomo, e colaboradores que orientaram os trabalhos das eleições dos Comités de Base na capital.

Foi anunciado que no decorrer desta Conferência será eleito um novo Presidente do Comité do Partido no Sector Autónomo. Igualmente foi anunciado que uma Conferência extraordinária terá lugar nos princípios do próximo mês de Outubro para eleições de 20 delegados

da cidade de Bissau ao Congresso Extraordinário do PAIGC.

A terminar a sua intervenção, o camarada Samba Lamine exortou os militantes do nosso grande Partido — o PAIGC — a estarem «com a mesma determinação e todos juntos, tal como ontem, nas matas de Cuburá e Oio, nas lalas de Quitafine e Quinara, e nas manganassas de Biambi e Naga, para levar com o mesmo afinco as palavras de ordem e ensinamentos políticos do Partido a todos os cantos da nossa terra».

Tite: Situação agrícola

Um, missão do Ministério do Desenvolvimento Rural esteve no sector de Tite com o objectivo de inspeccionar as bolanhas locais, informou a ANG.

A delegação que era chefiada pelo camarada Francisco Lúcio, respon-

sável da Hidráulica e Solos do MDR percorreu as bolanhas de Iussy e de Nhala, tendo constatado as grandes enchentes que se verificam nessas zonas o que têm prejudicado o bom andamento dos trabalhos agrícolas.

O camarada Francisco

Lúcio informou que em Novembro terão início os trabalhos de fecho das bolanhas de Nhala, pois as suas populações enfrentam graves problemas que carecem de soluções urgentes. No entanto, apesar da falta de sementeira a população sente-se optimista.

A principal causa da fome é a pobreza e não

A pobreza é a principal causa da fome no mundo. Quando os preços dos produtos alimentares de base aumentam, os pobres são sempre os primeiros a sofrer. A pobreza implica uma «escolha» limitada dos alimentos pelas populações. Quando os alimentos básicos atingem preços que ultrapassam os seus meios, os pobres são automaticamente ameaçados de fome. Segundo documentos não oficiais da FAO, a pobreza, o custo dos alimentos e a sua má distribuição, são as principais causas da fome.

Atribuir a fome à escassez de alimentos é uma forma de culpar a natureza pelos problemas criados pelo homem — escreveu o «guia do terceiro mundo». Não há, no entanto, razão para esta atitude, uma vez que a fome existe a par da abundância. De facto, a terra produz a quantidade suficiente de cereais para fornecer a toda a população proteínas e, pelo menos, as três mil calorias diárias necessárias a cada ser humano.

Este é um dos temas preocupantes hoje no mundo e sobre o qual iniciámos recentemente a publicação de uma série de artigos, que irão contribuir nas campanhas de sensibilização empreendida pela FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) e por uma Comissão Nacional de preparação do Dia Mundial da Alimentação, fixado para 16 de Outubro próximo.

Desenvolvendo ainda a análise sobre o mito da escassez de alimentos como causador de fome, o «guia do Terceiro Mundo» sublinha, no entanto, que 44 por cento da potencial área cultivável está

aproveitada e que nos países subdesenvolvidos, o rendimento médio por hectare representa menos de metade do nível atingido nos países industrializados. Deste modo, as barreiras ao aumento de produção são, na maioria dos casos, sociais e não físicos, pois não dependem da quantidade de alimentos que se produz mas de quem controla e como é utilizada a terra.

De acordo com um estudo efectuado em 83 países, 80 por cento da terra agrícola é controlada por pouco mais de 3 por cento dos proprietários. Para estes, a terra é apenas um investimento de capitais e não uma fonte de pro-

dução, pelo que permanecem incultas superfícies consideráveis, sendo outras áreas utilizadas para culturas de luxo.

Por outro lado, os latifundiários monopolizam o acesso ao crédito, aos serviços de apoio à agricultura e aos mercados, o que contudo não impede que as suas terras tenham um rendimento por hectare inferior a dos pequenos agricultores. Estes obtêm mais da terra porque têm de sobreviver com os seus próprios recursos. Trabalham intensivamente, plantam com mais cuidado, praticam a rotação de culturas ou combinam a agricultura com a criação de gado.

GUERRA CONTRA A FOME E DESTRUIÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Uma vez que a verdadeira causa da fome não é a escassez de alimentos, o aumento da produção, por si só, não vai resolver o problema, segundo a interpretação do Guia do Terceiro Mundo. Para a FAO, uma das vias é o melhoramento das formas de produção e a protecção daquilo que se produz, evitando as perdas das colheitas.

De facto, durante os últimos 30 anos, governos, organismos internacionais e empresas transaccionais encetaram uma «Guerra contra a Fome», através do au-

mento de produção pela modernização de métodos agrícolas: irrigação em grande escala, uso de fertilizantes químicos, pesticidas, maquinaria e sementes. Houve de facto aumento da quantidade de alimentos por habitante. No entanto, passou a haver mais fome que anteriormente.

Estudos realizados em todo o mundo sobre a «Revolução Verde» mostraram que, mesmo que os grandes produtos são favorecidos com a nova tecnologia de sementes e fertilizantes, o valor acrescentado por hectare continua a ser menor nas grandes explorações. A grande quantidade de mão-de-obra que é utilizada nas pequenas explorações compensa amplamente os investimentos de capital feitos pelos grandes proprietários.

TERRAS NAS MÃOS DE LATIFUNDIÁRIOS

A produtividade que é possível obter-se com a nova tecnologia atrai uma nova classe de «pro-

dutores»: prestamistas, burocratas, especuladores urbanos e empresas estrangeiras o que, por sua vez, faz aumentar os preços das terras e dos rendas, atirando os pequenos proprietários e meeiros para as fileiras dos camponeses sem terra e para o desemprego.

A medida que estão sendo postos à margem da produção, amplia-se o círculo da pobreza; o mercado nacional de alimentos estagna ou contrai-se e a produção dos empresários agrícolas vai para os mercados altamente lucrativos dos centros urbanos e dos consumidores estrangeiros. Entretanto, terras marginais passam a ser cultivadas por camponeses que devastam vertentes num esforço desesperado de sobrevivência.

Um estudo efectuado pelo Banco Mundial, na Colômbia, concluiu que numerosas famílias camponesas procuram a sobrevivência explorando terrenos demasiado pobres, geralmente e

Savimbi — O itinerário de um contra-revolucionário

Porquê da intervenção sul-africana

Concluimos hoje a publicação do extenso artigo de análise sobre o itinerário de Jonas Savimbi, extraído da revista «Três Continentes».

Pela oportunidade e actualidade que se ofereceu, dada a situação em Angola, hoje de novo agredida pela África do Sul, pensamos ter contribuído para uma melhor compreensão do que se passa na Pátria de Agostinho Neto.

As notícias que chegam diariamente, mostram que a UNITA de Savimbi não é estranha às atrocidades que a soldadesca sul-africana comete em Angola.

Como dissemos no início da publicação deste trabalho, convém não perder de vista o traidor Jonas Savimbi, de novo na cena política graças aos seus padrões de Pretória.

Desta vez, o regime da África do sul vai justificar a sua intervenção como sendo um acto destinado a salvaguardar os trabalhadores «ovambo» da barragem, que estariam «ameaçados» pela guerrilha da SWAPO. Entretanto, reafirma oficialmente aos novos governantes de Lisboa que não se intrometerá nos assuntos internos de Angola.

Com efeito, Pretória ainda não se decidiu se vai ou não intervir militarmente na questão angolana.

Uma querela surda opõe, no seio do governo do «apartheid» os partidários de uma intervenção directa aos que não aceitam ver instalado em Luanda — à imagem do Moçambi-

que «marxista de Samora Machel — um governo com participação do MPLA.

Enquanto o ministro de defesa, P.K. Botha e o Comandante-em-Chefe das Forças Armadas, o general Magnus Malan, não escondem a sua vontade de neutralizar as «bolsas» (bases) da SWAPO em Angola, o general Hendrik Vander Bergh — o poderoso «patrão» dos Serviços de Segurança (BOSS) e «arquitecto» da política de «detente e diálogo» advogada pelo primeiro-ministro John Voster — apoia-se no facto dos «ovambos» terem feito saber, desde Maio de 1975, que não se submeteriam as novas ordens de Luanda. Assim, uma política hábil de Pretória poderia, no en-

tender de Van Der Bergh, levar a formação de uma espécie de Bantustão — o «Grooter ovambo» (grande ovambo), que englobaria os ovambos angolanos e e namíbios e serviria para travar as ambições da SWAPO.

Esta era a posição que parecia «razoável» ao primeiro-ministro, caloroso partidário da política de abertura e diálogo com os Estados africanos «moderados». No entanto, os acontecimentos vão-se precipitar... e levar Vorster a mudar de opinião.

Depois da derrota no Vietname, o secretário de Estado Henry Kissinger não esconde que os Estados Unidos estão dispostos a demonstrar a sua resolução e vontade

de resistir a «expansão soviética» em todo o mundo. Por outro lado, está seguro — segundo se depreende das afirmações dos seus colaboradores e confidentes do Departamento de Estado — de que «Brejnev não sacrificará 10 anos de «detente» por um Estado cliente em África». Kissinger queria afastar (se necessário pela força das armas) o MPLA dos caminhos do poder. No entanto, a maioria dos seus colaboradores do Departamento de Estado e dos senadores — partidários de uma solução diplomática — opõe-se a aventura.

Que fazer? Kissinger encontrou a resposta: a RAS é um país «amigo» cujos interesses estratégicos nessa zona de tempestade que é a África Austral não são muito diferentes dos dos Estados Unidos. Uma intervenção sul-africana «discreta», apoiada pela CIA e «caucionada» pelos «moderados» africanos da OUA, seria suficiente para eliminar o «abcesso comunista» —

leia-se MPLA — em Angola.

A operação não é simples. Kissinger está bem informado sobre a África do Sul. Ele não ignora de forma alguma a posição do general Van Der Bergh (as relações CIA-BOSS são excelentes, a crer no que afirma a bem informada Newsweek de 17 de Maio de 1976). Assim, Kissinger vai encarregar o general Brent Scowcroft, seu sucessor no Conselho Nacional de Segurança (da Casa Branca), de tomar conta desta questão delicada.

Os serviços secretos israelitas (MOSSAD), bem colocados no interior da pátria do Apartheid, serão chamados a substituir-se a CIA demasiado comprometida com a BOSS para efectuar os necessários «contactos». Vorster mostra-se «sensível» aos argumentos de Kissinger mas ainda não está decidido a pôr termo ao debate que opõe o seu ministro de Defesa, Botha, ao velho general Van Der Bergh.

É nesta altura surge em cena o Presidente Mobutu, que mantém, desde longa data, relações discretas e tenuousas com Pretória. Savimbi encontra-se, pouco antes, com o Chefe do Estado zaireense, para pedir a consequente para obter o MPLA, que cobrou forças. Mobutu está disposto a intervir no norte angolano e o seu exército em apoio da FNLA, recomendar seus «amigos» sul-canos.

O presidente da UNITA, que já se encontrou em Paris (Maio de 1975) com emissários do general sul-africano Magnus Malan, deslancha-se (em princípio em Setembro de 1975) em Ruptu, cidade fronteiriça da Namíbia.

Nas suas conversas com os colaboradores próximos do primeiro-ministro sul-africano Jonas Savimbi vai garantir-lhes de que eventual intervenção sul-africana em Angola ao lado da FNLA e da UNITA, será ap-

a falta de alimentos

vertentes com 45 graus de inclinação ou mais, de onde resulta uma sobre-exploração da terra que provoca, entre outros problemas, o da erosão. As terras férteis na Colômbia, estão nas mãos de latifundiários que as deixam incultas ou as utilizam para apascentar o gado, ou para a cultura de flores que exportam para os Estados-Unidos.

A redistribuição de terras no Brasil por exemplo, está a destruir a Selva Amazónica, o que pode vir a causar uma catástrofe ecológica mundial, uma vez que ela produz 10 por cento do oxigénio da atmosfera. Esta é, no entanto, uma forma de calar as reivindicações dos «sem terras» e proteger os latifundiários. Estes recebem subsídios do Estado para culturas de exportação,

enquanto aqueles recebem terras que não são consideradas aptas para o cultivo.

OS PESTICIDAS SÃO TÃO IMPRESCINDÍVEIS?

Poder-se-ia perguntar, por outro lado, se não é imprescindível a utilização de pesticidas dada a urgente necessidade de produzir mais alimentos. No entanto, verifica-se que nos países subdesenvolvidos, a maior parte dos pesticidas é utilizada em produtos de exportação (algodão, legumes, frutas) que são plantados em grandes extensões.

As alternativas aos pesticidas químicos — rotação de culturas, utilização de misturas de estrume, monda anual, limpeza com alvião, recolha dos ovos dos insectos — são numerosas e já demonstraram a sua eficácia. Os chineses, por exemplo, reduziram ao mínimo a utilização de pesticidas através de um sistema nacional de

vigilância e informação, que permite manter sobre controle as pragas mais frequentes.

Não é, portanto, o aumento da população que ameaça destruir o meio ambiente, mas sim um sistema que promove a utilização dos recursos necessários à produção de alimentos tendo como único objectivo o lucro.

Estudos feitos, por um lado, pela OIT e, por outro, pelo Instituto de Investigação para o Desenvolvimento Social das Nações Unidas levaram à conclusão de que «o aumento de pobreza não está associado ao decréscimo, mas sim, ao aumento da produção de cereais «per capita» — principal componente da dieta alimentar dos pobres» e que, sob o impacto das técnicas da «Revolução Verde», em vários países subdesenvolvidos, o bem-estar da maioria rural decaiu, mesmo quando a produção agrícola aumenta.

A segurança alimentar de um país onde os grandes agricultores comerciais controlam

praticamente toda a produção agrícola, corre sérios riscos porque aqueles têm tendência para retirar do mercado certos alimentos em períodos de alta de preços, na expectativa de obterem, posteriormente, maiores lucros.

A TERRA A QUEM A TRABALHA

Perante este quadro, depreende-se que o controle da terra deve ficar nas mãos de quem a trabalha. Livre da exploração dos latifundiários, agiotes e governos elitistas, o povo, sabendo que está a produzir para si próprio, empregará todo o seu talento criador para tornar a terra mais produtiva. Deste modo, grandes aumentos de produção são característica de todos os países onde uma autêntica reforma agrária pôs os recursos produtivos nas mãos dos verdadeiros produtores.

A experiência tem ensinado que a única solução para a fome assenta num plano consciente para reduzir a desigualdade a todos os níveis.

Uma distribuição democrática do controle dos recursos agrícolas não só diminui a desigualdade como pode conduzir a aumentos de produção

No entanto, ainda que o redistribuição — mesmo parcial — da terra e dos outros recursos agrícolas possam estimular a produção, isso não basta, por si só, para desencadear um processo de desenvolvimento.

Se a reforma agrária for levada a cabo por uma burocracia para quem o povo é pura e simplesmente um agente passivo, continuará a velha relação de dependência. Esta atitude transforma-se frequentemente em repressão, como aconteceu em Taiwan e na Coreia do Sul. Uma vez que o desenvolvimento de qualquer sociedade assenta inteiramente no desenvolvimento dos indivíduos dentro dela, o programa de redistribuição deve romper com as relações de dependência. O processo que se utiliza na reforma agrária é, portanto, tão crucial como a reforma em si.



A pobreza — consequência de exploração secular, de desigualdade de vantagens e da falta de protecção contra as catástrofes da natureza. Como salvar as populações?

pelos estados «moderados» da OUA, nomeadamente o Zaire, a Zâmbia e a Costa do Marfim.

Seguro do apoio que conta receber da África «moderada», Vorster dá luz verde ao seu ministro de Defesa para este passar à acção directa em Angola.

A intervenção do presidente Mobutu junto do governo sul-africano para levar este último a apoiar a FNLA e a UNITA tinha sido «decisiva».

A 23 de Outubro de 1975, uma coluna motorizada de cerca de 1000 a 1500 homens vai penetrar no sul de Angola. Uma segunda coluna entra em acção a 15 de Novembro, com o apoio aéreo de helicópteros «Alouette III» e aviões «Puma». Uma terceira coluna intervéem em Dezembro.

As tropas sul-africanas avançam até 700 quilómetros no interior de Angola e «libertam» várias zonas para aí instalarem os seus «protegidos» da UNITA e da FNLA.

No norte «libertado» pelo exército zairota, a FNLA, apoiada por um grupo de mercenários portugueses, avança sobre a capital, Luanda.

A 11 de Novembro — data prevista pelos acordos de Alvor — o MPLA proclama a independência do país e apela a Cuba que sempre apoiou este movimento. Fidel Castro irá em seguida organizar uma verdadeira ponte aérea para transportar um corpo expedicionário de milhares de homens. Eles irão reforçar as FAPLA, que conseguiriam «parar» as invasões às portas da capital. Os sul-africanos são postos em debandada pelo potencial de fogo dos carros T54 e dos seis SAM-7 utilizados pelos seus adversários.

Severamente condenado pela opinião pública africana, esquecido por Kissinger — que, no entanto, tinha-se comprometido em associar-se a esta aventura — Vorster decide, em princípios de Maio de 1976, retirar as suas tropas de Angola. Entretanto, criticará vigorosamente «os seus aliados» americanos pela sua passividade e «derrotismo», complexo herdado da derrota do Vietname. Simultaneamente, a UNITA e a FNLA sofrem uma derrota completa e praticamente desaparecem da cena política angolana — Savimbi e o seu Estado-Maior refugiam-se na Namíbia.

Em 8 de Fevereiro de 1980, declararia Jonas Savimbi numa entrevista ao semanário português o País: «uma guerrilha não pode existir em Angola, não pode sobreviver apenas com os apoios externos. É preciso que tenha algo de específico, de próprio, de genuíno». Os sul-africanos, têm grande estima pelo dirigente da UNITA, e não irão abandoná-lo.

Jonas Savimbi dispõe ainda de alguns recursos: incapazes de deter a ofensiva da FAPLA, os dirigentes da UNITA, que se tinham implantado nos altos planaltos, exortam as populações da zona a abandonar os seus lugares. Assim, milhares de camponeses engajam-se na guerrilha nas florestas pouco acessíveis, aguardando um eventual regresso dos seus líderes. Savimbi dispõe no local de um campo de manobra não negligenciável, tanto mais que fez passar pelas armas os «assimilados» ovimbundos, suspeitos de simpatias com o M.P.L.A.

Será ele capaz de enquadrar os camponeses, concedendo-lhes um novo sopro político? Poderá ele desestabilizar o regime «marxista» angolano? Servirá ele, finalmente, de instrumento para a criação de um estado-tampão no sul para

travar a SWAPO? Eis as perguntas que se fazem e que correspondem a outros tantos projectos dos senhores do Apartheid.

Pretória já instalou no Sul da Namíbia campos de treino (Ondangwa, Changwra, e Kandu) para os Ovambo anti-SWAPO. Estes campos vão acolher os refugiados angolanos. Treinados por oficiais sul-africanos, peritos em contra-guerrilha, serão seguidamente helicoptados para as antigas zonas de influência da UNITA e para o território que corre ao longo do caminho-de-ferro de Benguela. Muito rapidamente, estes novos combatentes da U.N.I.T.A. irão passar à acção directa contra alvos ditos «estratégicos»: ataques bombistas assolam o Caminho de Ferro de Benguela, destroem os circuitos comerciais e as outras culturas alimentares, nomeadamente nas províncias de Huambo e Bié.

Paralelamente, estes «novos terroristas» vão servir de guias às forças sul-africanas que exercem o «direito de perseguição» nas zonas fronteiriças em busca das bases da SWAPO.

Savimbi poderá então reivindicar vitórias: o Caminho de Ferro de Benguela deixou praticamente de funcionar, tendo perdido 20 das suas 25 locomotivas ultramo-

dernas Diesel. A produção alimentar, paralizada no que fora outrora o celeiro do País deixou de fornecer os centros urbanos.

Esta actividade de terrorismo «selectivo» surpreende desagradavelmente o MPLA que leva tempo a adaptar-se à nova situação. É certo que as FAPLA, melhor equipadas, vão responder tacco a tacco às incursões mas é uma «paciente» ofensiva política — uma política de promoção e diálogo aberto com as populações que exclui toda e qualquer represália étnica — que vai assegurar ao MPLA uma nova vitória sobre a UNITA.

Em fins de 1979, os camponeses refugiados nas fronteiras vão regressar massivamente aos seus lugares. Eles deixam de acreditar na UNITA.

Em princípios de 1980, o Caminho-de-Ferro de Benguela reinicia lentamente a sua actividade, transportando os preciosos manganês zairota e cobre zambiano para o porto atlântico do Lobito. As previsões desta linha férrea para o ano 1981 são excelentes: 70 000 toneladas por mês. Em 1982 deverá alcançar as 96 000 toneladas por mês, quer dizer, praticamente as 100 000 tm dos anos de 1973-74.

Savimbi parece ter perdido o apoio do seu

povo. Mas dispõe ainda do apoio «residual» das populações do Sul, que lhe permite fazer a partir de «bases» situadas na Namíbia ocupada, incursões e ataques isolados contra pequenas cidades indefesas — uma espécie de «terrorismo urbano» contra os mesmos ovimbundo e ovambo que pretendia defender.

Entre fins de Julho e meados de Outubro de 1980, a RAS lançou 22 ataques contra o Sul de Angola. Os prejuízos causados por estes raides cifram-se em mais de 40 milhões de libras esterlinas.

Que querem os sul-africanos?

— Instalar a UNITA no interior do País, antes que se iniciem as conversações com a SWAPO sobre o futuro da Namíbia — confiou-nos Lúcio Lara, Secretário-Geral do MPLA.

Quanto tempo irão poder manter a situação?

Com a independência da Namíbia, que deve estar breve, a resposta não parece difícil.

Se ele (Savimbi) quer salvar a pele, aconselho-o a escolher a liberdade junto dos seus patrões, quer dizer, fora da Namíbia, talvez na África do Sul. Porque é difícil — segundo nos confidenciou o Presidente Sam Nujoma — distinguir os bandidos da UNITA das forças de ocupação do nosso País.

XXV aniversário do PAIGC

Atletismo e futebol-salão sem concorrentes

80 atletas participam no lawn ténis

Apesar de algumas falhas verificadas, devido a ausência de concorrentes a duas disciplinas que estavam previstas no programa desportivo em comemoração ao XXV aniversário do P.A. I.G.C., caso concreto de atletismo e futebol-salão, a vida desportiva reactivou semana passada, através de futebol, ténis e preliminares de damas.

Com efeito, no torneio de futebol entre as selecções dos bairros verificaram-se os seguintes resultados: Badim-2, 3-Reno/Gambiafada, 0; Bairro de Ajuda, 1-Péfini, 2 e Magriços, 2-Bissau Novo, 3. A formação de Bandim-2 aguarda a final que terá lugar no próximo sábado no Lino Correia por não ter

sofrido golos. O seu adversário será o vencedor do jogo que opõe hoje no «Lino Correia» a formação de Bissau Novo a do Péfini.

Por outro lado, para a Semana da Juventude, desenrolou-se no domingo à noite, no quadro de JAAC, um encontro de futebol entre a formação de Mindará e Antula com a goleada da primeira por 8-0. A final será disputada na sexta-feira entre a formação de Mindará e Bissau Novo.

Paralelamente a estas manifestações, os jovens de outras modalidades como o basquete e o voley alegam, e com razão, de que foram mais uma vez esquecidos. Contudo, o essencial deste desaba-

fo não é atirar as culpas inteiramente para a subcomissão desportiva, mas sim fazer ver o esquecimento a que foram votados. No entanto, conseguimos ainda apurar que esses jovens pretendem organizar-se e levar a efeito um torneio. Para os praticantes de atletismo as inscrições estão abertas.

/TÉNIS: JANY JALLOW NA FINAL FEMININO/

Ao vencer Nancy Voss por 7/6, Jany Jallow classificou-se para a final de singulares feminino. Jallow terá como adversária a vencedora do jogo Lígia-Eneida. De salientar que este torneio de ténis em comemoração ao XXV ani-

versário do PAIGC movimentou cerca de 80 ténistas, constituindo o primeiro com esta envergadura.

Resultados: **Séniore masculino** — Tony Marques — João Carreiro 6/0 e 6/2; Chantre-Annes, 6/3 e 6/0; Dayves — Tomé, 7/5 e 6/1; José Tavares-Mimo, 7/5 e 6/3 e Gil-Domingos após 6/1 na primeira partida Domingos viria a desistir na segunda partida.

Infantis-A — Lúcio-Marcolino, 7/5; Eanes-Victor, 6/3; Carlos-Nelson, 6/1 e Djodjô-Luisinho, 7/6. **Cadetes** — Daniel-Paulo, 6/3 e Benvido-Pina, 6/0.

Hoje terá início os encontros de iniciados com o jogo Agnelo Regalla-Carlos Nicolay.

Basquete: Senegal tri-campeão

As «leões» do Senegal tri-campeãs de África de basquetebol, venceram

pela quarta vez o título continental, ao derrotarem a formação zairota

por 83/76, na final do oitavo campeonato de África em basquetebol feminino, disputado em Dakar. A terceira posição foi ocupada pela jovem formação de Angola, ao ultrapassarem as malianas por 83/71.

A equipa nacional do Zaire, na sua primeira participação nesta competição, fez «vida negra» a melhor equipa africana da modalidade no seu próprio terreno. Num tacco a tacco emocionante, as zairotas venceram por 43/41 no primeiro tempo. Bem comandadas por Lingenga e Bofonda conservaram a diferença até seis minutos do fim.

Para conseguirem a vitória, as «leões» do Senegal recorreram a toda a classe da equipa, à imagem de Mame Diouf, Mareme Bâ e Rokhaya Pouye, que contribuíram para que a balança pendesse para o lado senegalês.

Classificação final: Senegal, Zaire, Angola, Mali, Costa de Marfim, Tunísia, Nigéria e Argélia.

RONO: SENSÃO NO ATLETISMO

Aos 30 anos de idade, o grande atleta africano Henry Rono continua a ser sensação no mundo de atletismo. Com efeito, Rono bateu recentemente o seu próprio recorde mundial nos 5 mil metros, em Narvik, na Noruega, com o tempo de 13 minutos, seis segundos e 20 décimos. O antigo recorde que fora estabelecido em 1978, nos Estados Unidos, era de 13:08, 4-

Por outro lado, após o seu fracasso na Taça mundial de atletismo em Roma, em que a África classificou-se na sétima posição, os africanos acordaram finalmente, obtendo duas vitórias na reunião internacional de atletismo, de Bolonha (Itália).

Ténis

McEnroe vence de novo

O tenista norte-americano John McEnroe venceu pela terceira vez consecutiva o campeonato internacional de Ténis dos Estados Unidos, batendo na final (pela segunda vez), em Flushing Meadow, o sueco Bjorn Borg por 3-1, com as parciais 4/6, 6/4, 6/3 e 6/2. Borg e McEnroe atingiram esta fase, eliminando respectivamente Jimmy Connors e Vitas Gerulaitis.

Estes dois tenistas encontraram-se pela 14.ª vez, sendo sete sucessos pertença de McEnroe, e sete igualmente para Borg.

Em feminino, a vitória coube à jovem americana Tracy Austin, que derrotou a ex-checoslovaca Martina Navratilova (agora de nacionalidade americana) por 2-1, com as parciais 1-6, 7-6 e 7-6.

Na prova de juniores masculino a vitória pertenceu a um jovem sueco.

Desporto africano

Vita Club de Kinshasa, JET de Tizi Ouzou (Argélia) e AS Kalum de Conakry venceram os jogos da 1.ª mão dos quartos de final da 17.ª taça dos clubes campeões africanos, que os opuseram respectivamente ao Nchanga Rangers da Zâmbia, Dinamos de Harare (Zimbabwé) e Asec de Abidjan.

Por seu lado, os gaboneses do US Mbila Nzambi empataram no seu campo em Libreville com o El-Ahly do Cairo, campeão do Egipto a uma bola.

O Vita Club, ao derrotar o Nchanga por 4-1, golos de NKama Mondueni, Bobutaka Bokina e de Peter Edu Phiri (para o Nchanga Rangers), e o JET ao bater o Dinamos por 3-0, tentos apontados todos por Ali Benlahcene, obtiveram os melhores resultados desta primeira mão, sendo desde já superfavoritos para um lugar nas meias finais da mais importante competição futebolística africana a nível de clubes.

O AS Kalum, «herdeiro» do célebre tri-campeão Hafía FC, sofreu bastante antes de bater um ambicioso ASEC de Abidjan, que logo aos 45 segundos de jogo, surpreendeu o público do estádio «28 de Setembro», abrindo o activo por intermédio do jovem extremo-esquerdo Lucien Kassi Kouadio (18 anos de idade).

Só aos 72 minutos do encontro é que a equipa de Papa Camara conseguiu o empate, quando o oportuno Njolea concluiu da melhor maneira um excelente trabalho da nova estrela nascente do futebol guineense, o médico Facinet Camará. Mas aos 29 minutos Cheikh Mohamed Keita perdeu um golo certo. Seria um defesa, neste caso o lateral direito Moussa Camará, quem inscreve-



Moussa Camará, autor do golo da vitória (difícil) do AS Kalum sobre o ASEC de Abidjan

ria o tento da vitória a quatro minutos do fim da partida. De certeza que o desafio da segunda mão, em Abidjan, não será igualmente fácil para os nânias.

No entanto, sabendo a importância que tem para os guineenses ganhar a taça que tem o nome do seu presidente «Ahmed Sekou Touré», e o facto de a segunda mão se desenrolar na véspera do aniversário do histórico «Não» ao neo-colonialismo francês (28 de Setembro), arriscamos em avançar a qualificação do AS Kalum como a mais provável.

Contudo, o contrário também é de esperar. Depois de ter eliminado o Canon de Yaoundé, o ASEC provou que é capaz de tudo. Após um campeonato nacional decepcionante, em que deixou o título ir para o Stella e a taça para o África Sport, o ASEC Mimoza está condenado a ganhar no seu terreno do estádio «Houphouët-Boigny». Uma vitória no troféu «Ahmed Sekou Touré» é a única oportunidade que lhe resta de permanecer entre a elite do futebol africano.

Portanto, pela indecisão que a rodeia, o embate ASEC-AS Kalum dentro de duas semanas monopolizará sem dúvida as atenções.

Os cairotas do El-Ahly, recheados de jogadores da selecção do Egipto, também deverão figurar entre os quatro semi-finalistas da 17.ª edição da taça dos clubes campeões africanos.

Dos leitores

(Continuação da pág. 2)

parte da camada menos informada.

O ridículo aconteceu, no entanto, entre pai e filho em que o primeiro pretendeu à viva força correr com o segundo da casa para alugar a estrangeiros. Ao que já chegamos!... Na verdade, já é tempo de tirar os projectos das gavetas e do Estado se debruçar mais seriamente sobre a questão. Se é certo que há falta de material de construção no mercado, o que dificulta a execução dos projectos como os dos bairros habitacionais de Antula e de Cumura — que beneficiariam em primeiro lugar as famílias cujas residências foram abrangidas pelas obras da tristemente famosa auto-estrada — não é menos certo que o pouco material que o Estado consegue importar, bem orientado (e caso não voltem a registar-se desvios ou incêndios, como os decorridos em tempos nas Obras Públicas), dava para resolver pelo menos parte das nossas necessidades de momento.

Ou então, porque não promover um concurso entre os empreiteiros para a construção de bairros ou prédios para residência, a exemplo das suites do 24 de Setembro, executadas num tempo recorde. Muitos poderão alegar o grande dispêndio de divisas que isso implica, mas tratando-se de uma questão com repercussões tão grandes, penso que ela deve constituir uma das prioridades do Governo, que nesse caso poderá recorrer às ajudas estrangeiras, aliás bastante favoráveis, embora nem sempre tenham sido convenientemente aproveitadas.

Porém, à população em geral e às estruturas do Partido e do Estado nos bairros em particular cabe a grande missão de denunciar às autoridades competentes casos de irregularidades no aluguer de casas que só contribuem para a degradação da nossa sociedade e para criar instabilidade social, o que representa um sério perigo ao processo em curso. Espero com isso ter dado algum contributo para a análise, que se impõe urgente, da questão a bem da camada menos favorecida da nossa sociedade e principal vítima da ganância de certos (e não são poucos) senhores.

BELCHIOR FERNANDES

Polónia
O sindicato e o poder

Lech Walesa, líder da central sindical polaca «Solidariedade» rejeitou o sistema capitalista como uma opção para a Polónia.

Falando durante um encontro com os habitantes da cidade de Gniezno, Walesa, cujas declarações foram difundidas pela agência oficial polaca Pap, indicou que «é possível fazer uma boa Polónia. Nem o capitalismo nem outra coisa nos serve, porque somos um povo diferente».

Abordando a questão do poder, o dirigente de «Solidariedade» reafirmou que o seu sindicato não pretende tomar o poder: «Mas queremos que o poder esteja ao serviço da população. Não queremos o poder, mas queremos controlá-lo».

Contudo, a «política» do sindicato foi sublinhada na semana passada por Stefan Olsowski, segunda personalidade do regime polaco, enquanto os trabalhadores dos outros países socialistas rejeitaram o apelo lançado pelo congresso de «Solidariedade» de Gdansk, convidando-os a formarem «sindicatos livres».

Por outro lado, Lech Walesa anunciou que o «Solidariedade» criaria a sua própria rede de televisão, se o Estado continuar a impedir-lhe o acesso à cadeia nacional.

700 mortos em Angola durante a invasão sul-africana

Foram mortas 700 pessoas em Angola desde a recente invasão sul-africana e há ainda no país 15 mil soldados de Pretória — denunciou o delegado angolano nas Nações Unidas, Elísio de Figueiredo.

O embaixador angolano disse aos jornalistas que a África do Sul estaria a tentar formar uma zona-tampão no sul de Angola, para ser ocupada por renegados da Unita. Acrescentou que as tropas sul-africanas que entraram em Angola a 23 de Agosto, integravam mercenários que serviram na Rodésia antes de se tornar no Estado independente do Zimbábue.

Por seu lado, o presidente angolano, José Eduardo dos Santos, sublinhou que «a Namíbia era uma questão africana», não devendo por-

tanto ser considerada sob o ângulo da «competição entre blocos este-oeste». O chefe de Estado angolano afirmou que a «questão namibiana deve ser reposta no contexto da descolonização. A Namíbia é o último bastião do colonialismo, ilegalmente ocupado pela África do Sul».

Depois de ter desmentido que haja um só soldado da RDA ou da União Soviética em Angola, Eduardo dos Santos disse não compreender a razão «porque este argumento é sempre utilizado para retardar a independência da Namíbia».

«Temos também acordos de cooperação, precisou, com muitos outros países, nomeadamente ocidentais, e mesmo com empresas americanas, como a «Cabinda

Gulf Oil», que explora o nosso petróleo em Cabinda».

A propósito de uma eventual ajuda de Angola por soldados de países amigos, o presidente Eduardo dos Santos declarou: «Durante esta invasão (pela África do Sul), muitos países africanos ofereceram-se para lutar de armas na mão a fim de expulsar o agressor racista sul-africano. A República Popular de Angola avalia ainda estes gestos de solidariedade».

Finalmente, o chefe de Estado angolano sublinhou que «enquanto o problema namibiano não for resolvido no quadro da Resolução 435 (da ONU) e enquanto o apartheid não for abolido, haverá sempre uma ameaça contra a segu-

rança em Angola e nesta parte do mundo».

ZÂMBIA AGREDIDA

Também a Zâmbia foi vítima da agressão sul-africana, cujas tropas, apoiadas pela aviação, atacaram na quarta-feira passada objectivos civis e militares na província ocidental zambiana de Shesheke.

Um porta-voz oficial declarou que os sul-africanos desencadearam este ataque «gratuito» ao fim da manhã de quarta-feira, «sem que tenha sido precedido de nenhuma provocação por parte da Zâmbia». Preciso que o regime de Pretória lançou quatro veículos blindados nesta operação, enquanto quatro caças bombardeiros sobrevoavam a zona. O exército zambiano respondeu à agressão.

Nicarágua: **Novas medidas para vencer a crise económica**

A fim de enfrentar os graves problemas económicos e sociais herdados da ditadura somozista, o Governo revolucionário da Nicarágua tomou nos últimos dias importantes e inéditas decisões, nomeadamente a proclamação do «estado de emergência nacional, social e económico».

No quadro desta medida, as autoridades nicaraguenhas proibiram as greves, aumentaram os impostos sobre as importações e reduziram as despesas governamentais num esforço de reconstruir a débil economia do país.

O decreto que ordenou o estado de emer-

gência, em vigor durante um ano, considera também um crime punível com um a três anos de prisão o facto de alguém cometer sabotagem económica.

Entre as acções consideradas sobotagem económica conta-se a paralização dos transportes, publicação de notícias económicas falsas, aumento dos preços sem autorização governamental, fazer greves ou convocá-las, ocupar terras ou outros meios de produção e «incitar governos estrangeiros a infligirem danos na economia nacional».

Daniel Ortega Saavedra, coordenador da

Junta Governativa, que anunciou estas medidas na televisão, afirmou que «a situação do país não é normal» e apelou para que todos os nicaraguenses ajudem a «enfrentar a crise por

que estamos a passar». Ortega sublinhou que, antes de decretar o «estado de emergência nacional, social e económica», a Junta consultou «os líderes de todos os sectores do país».

BONNA — Menos de 24 horas depois da visita do general Alexandre Haig, Secretário de Estado norte-americano, visita que deu lugar a grandes manifestações de protesto na capital da Alemanha Federal, o comandante-chefe das forças terrestres americanas na Europa, general Frederik J. Kroesen, ficou ferido num atentado a tiro e granada em Heidelberg.

Não foi o primeiro atentado anti-americano na Alemanha Federal. A 31 de Agosto último, dois oficiais superiores americanos foram feridos por uma explosão na base militar de Ramstein. O atentado fora reivindicado pela «Fracção do Exército Vermelho».

CRISE NO IRÃO
TEERÃO — O autor principal do atentado de 30 de Agosto, que custou a vida ao presidente e ao Primeiro-Ministro do Irão, teria sido o secretário do Conselho Nacional de Segurança do país, Massoud Kechmiri, anunciou no domingo o procurador geral iraniano, ayatola Rabani Am-lachi. O procurador indicou ainda que Kechmiri era um «hipócrita» infiltrado nos serviços oficiais há um ano.

SEXTO CONGRESSO DAS MULHERES

PRAGA — O sexto congresso mundial das Mulheres reunirá 1 200 delegados de 140 países e 120 organizações internacionais em Praga, capital da Checoslováquia, de 8 a 13 de Outubro. Maria Kabrhelova, presidente da União das Mulheres Checoslovacas, declarou que este congresso tem por objectivo abordar os problemas da emancipação e da igualdade das Mulheres, mas também os da «paz e do desarmamento».

ANC E SWAPO

PARIS — O governo francês concordou com a abertura em França de «bureaux» de informação da Swapo e do ANC, movimentos de libertação da Namíbia e da África do Sul. Os observadores consideram que a decisão francesa representa mais um gesto de apoio aos movimentos de libertação da África Austral.

REFUGIADOS

GENEBRA — Cerca de 15 mil dos 90 mil refugiados tchadianos do campo de Kouseri, no norte dos Camarões, já pediram para regressar ao Tchad. Segundo o Alto Comissariado para os Refugiados, que deu esta notícia, o seu repatriamento começaria nas próximas semanas.

EMPREGADOS

HARARE — O governo do Zimbábue vai decretar brevemente uma semana de trabalho de 50 horas e um salário mínimo decente para os cerca de 100 mil empregados domésticos do país, cujas condições de trabalho e de vida foram consideradas «próximas da escravatura» por Albert Mugabe, secretário-geral da central sindical zimbabueana. Mugabe indicou também que a classe média do Zimbábue faz questão de ter em casa um ou dois empregados.

«Samaria»: Organização da juventude do Níger

O bureau nacional da Organização da Juventude nigerina «Samaria», constituído em Junho último, reuniu pela primeira vez segunda e terça-feira em Maradi, centro-sul do Níger.

Nesta ocasião, o comandante Moumouni Djermakoye Adamou, ministro da Saúde Pública e dos Assuntos Sociais, lembrou que a «Samaria» é uma das «duas grandes organizações populares que representam a essência da comunidade nacional nigerina», sobre as quais a colectividade assenta as suas estruturas de desenvolvimento.

O comandante Djermakoye, que é também presidente da comissão de instalação da «sociedade de desenvolvimento» — o grande projecto político do Con-

selho Militar Supremo — atribuiu à «Samaria» a função de auxiliar das forças da ordem «em cada acampamento, aldeia ou bairro».

Segundo o comunicado final da reunião do bureau nacional, a «Samaria» compromete-se nomeadamente a «reforçar as acções de vigilância para detectar os inimigos da nação» e apela as organizações locais a «denunciar sem complacência os especuladores que intervêm na comercialização dos cereais».

Por seu lado, o ministro da Juventude, Desporto e da Cultura, Oumarou Mamane, sublinhou que a «Samaria» intervém «em todos os domínios da vida nacional», e tem igualmente por fun-

ção «revalorizar e difundir o património artístico e cultural nacional», assim como de «animar os trabalhos de interesse mútuo».

Nas últimas semanas, as organizações da «Samaria» têm desenvolvido inúmeras actividades práticas, tais como a escavação de poços, instalação de materiais de drenagem, limpeza de avenidas e plantação de árvores.

Alvo de uma grande atenção por parte do Conselho Militar Supremo e do governo, que lhe dão um papel de primeiro plano, a «Samaria» conta com a presença de personalidades importantes durante as suas manifestações, que têm grande publicidade na imprensa oficial.

Nino Vieira na abertura da Semana da Juventude

O futuro é dos jovens

«A nossa revolução está no campo. Por isso os nossos jovens devem ir para o campo, ajudar aqueles que não sabem ler nem escrever. Ir para as tabancas, conversar com o nosso povo. Mas ninguém quer ir para o campo. Todos querem ficar na cidade. Mas digo aos camaradas jovens, militantes da JAAC, herdeiros desta revolução, esperança do PAIGC que a melhor maneira de render homenagem a Cabral, em cada momento, não é ficar na cidade mas transformar o campo e fazer com que as populações sejam capazes de acompanhar a evolução da nossa terra».

Esta afirmação pertence ao camarada João Bernardo Vieira (Nino), Presidente do Conselho da Revolução e foi proferida no acto político que marcou, no passado sábado, dia 12, no salão do III Congresso, a inauguração da Semana Nacional da Juventude.

Nino Vieira começou por criticar a falta de entusiasmo e dinamismo por parte dos jovens de Bissau precisando que eles têm que sentir que são a vanguarda da nossa revolução. «Nós fizemos uma parte da revolução que é a libertação desta terra — disse — mas há uma parte que os jovens devem continuar. Por isso deve haver participação massiva».

CONCENTRAÇÃO DE JOVENS EM BISSAU

Nesta sua intervenção, o Presidente do CR apelou à responsabilidade dos jovens para uma série de problemas que o nosso país enfrenta neste momento. A este respeito sublinhou que «sabemos que encontramos o país com mais de 90 por cento de analfabetos, sem quadros, com uma economia baixa, sem hospitais condignos para tratar os doentes. Os nossos jovens devem ter consciência das dificuldades do nosso país e saberem que a revolução não é feita só na cidade de Bissau».

Este dirigente frisou que agora há uma grande tendência de jovens de se concentrarem em Bissau, uns com o intuito de melhorar os seus

conhecimentos, mas outros a praticarem o banditismo, ver filmes de «cobiadas», roubar, etc. «Eles pensam — acrescentou o Presidente Nino — que isso é que é revolução ou evolução. Por isso a nossa responsabilidade é grande como herdeiros de uma revolução». Como exemplo, Nino disse que se tivessemos feito a revolução em Bissau hoje a nossa terra não seria livre. Por isso mesmo fomos para o campo em primeiro lugar.

Ainda sobre esta questão disse: «naquele tempo eu também era jovem como vocês mas, fui para o campo iniciar o trabalho de sensibilização e mobilização junto do nosso povo. Se não tivéssemos feito isso então não sabíamos o que queríamos».

Mas há jovens que estão a confundir revolução com indisciplina salientou o Presidente do CR referindo-se mais adiante à manifestação estudantil do 20 de Fevereiro. Assim disse em pormenor: «Podemos perguntar aos jovens amigos aqui presentes se algum dia os jovens dos seus países cometeram actos de indisciplina nas escolas, a c a r r e t a n d o prejuízos de mais de

mil contos; arrebatando carteiras, livros, agredindo professores? Pelo contrário: Eles é que têm que defender o património do Estado porque a eles lhe pertence. Nós mais velhos desapareceremos um dia, e vocês é que ficam para continuar a obra e, se estragarem tudo com o que é que vão fazer? As coisas vão cair do céu? O futuro é vosso. Isto também é responsabilidade dos jovens.

Continuando o mesmo assunto disse ainda que nas escolas desses países há comités de estudantes encarregados de constatar as anomalias, mas sem indisciplina. «Eu digo aos jovens que na República da Guiné-Bissau não se volta a repetir o que aconteceu no 20 de Fevereiro, porque eu e os meus camaradas com todos os sacrifícios que fizemos e continuamos a fazer para garantir liberdade de expressão a toda a gente não vamos consentir em nenhum momento actos de indisciplina de um pequeno número de gente incitados a fazer desordem. Quem quiser fazer as coisas com indisciplina será pago da mesma moeda porque a revolução é assim mesmo».

O camarada João Ber-

nardo Vieira falou mais uma vez das causas e objectivos do 14 de Novembro «que foi para repor a paz, ordem e calma nesta terra e não como outros o querem interpretar dizendo que foi um acto racial. Mas é mentira. Nós não somos racistas. Todos os guineenses, independentemente da cor têm os mesmos direitos. Isso é que queremos que toda a gente entenda bem».

Isto também é um trabalho concreto para os jovens «porque o futuro depende de vocês, está nas vossas mãos. Nunca façam vingança porque isto destrói todo o caminho que queremos seguir: de felicidade e progresso para o nosso povo. Hoje todos os povos do mundo lutam pela unidade e nós também seguimos a mesma via».

Durante o acto político o Comandante de Brigada salientou o problema da falta de quadros e das dificuldades das matrículas para todos os jovens estudantes, carência de salas de aula, falta de dinheiro para pagar os professores mas também disse que os nossos jovens não podem pensar só em cursos superiores — doutores ou engenheiros. É preciso quadros médios, técnicos especializados. Apelo à consciência da massa juvenil para esta questão que pode levar o país a uma situação de estagnação.

Nino Vieira sublinhou sobre este aspecto que

hoje por exemplo condenamos a África do Sul porque são racistas mas se Angola pedir à Guiné-Bissau ajuda em carpinteiros, pedreiros, mecânicos ou enfermeiros, não os temos. Por isso só podemos ser verdadeiramente internacionalistas quando construirmos e desenvolvermos o nosso país.

O Presidente Nino exortou igualmente à vigilância como forma de defender a revolução. «Há gente que quer estragar a revolução, as obras de Amílcar Cabral, procurar condenar o PAIGC. Esses são oportunistas, ambiciosos porque pensavam que fizemos o 14 de Novembro para acabar com o PAIGC.

Qualquer pessoa pode vir ajudar-nos seja de que cor for porque não somos racistas. Se não aceitarmos ninguém a nossa terra ficará isolada. No entanto, Nino realçou a necessidade de nos mantermos unidos, demonstrando que o inimigo não tem cor. Não pode haver confusão nisso, porque de contrário não haverá Nação Guineense! Mas nós queremos construir a Nação Guineense».

Sobre certas confusões que os jovens fazem ainda sobre a nossa política interna e externa, Nino Vieira precisou: «Uns dizem que estão à espera do Congresso mas eu digo que o Congresso não vai definir nada de novo. Tudo aquilo que conhecemos do Partido vai continuar. Não vamos inventar nada de novo. Há resoluções cla-

ras saídas do III Congresso que não foram postas em prática, e é isso que vamos fazer por etapas».

O Presidente do Conselho da Revolução desejou coragem aos jovens, para que não lhes falte o entusiasmo porque só assim poderão ser a verdadeira vanguarda do nosso Partido e do nosso povo e reafirmou, antes de terminar, o apoio total da Direcção do PAIGC. «Embora tenhamos grandes limitações vamos fazer todo o esforço para pôr a disposição dos jovens tudo o que possuímos neste momento».

Entretanto, durante o «meeting», o dirigente guineense rendeu uma homenagem sincera ao internacionalista panamenho, Hugo Spadafora que se encontra entre nós, tendo estado durante mais de um ano nas matas das regiões libertadas, durante a nossa Luta Armada de Libertação Nacional, exercendo a sua profissão de médico.

Usaram ainda da palavra o secretário nacional adjunto da JAAC, Teobaldo Barbosa, que fez um balanço das actividades da organização juvenil antes do 14 de Novembro e das causas que motivaram a total paralisação das actividades juvenis, um elemento da JAAC nas FARP e da UNTG. Foram igualmente endereçadas à nossa vanguarda juvenil mensagens de representantes da Kansomol-Leninista, da FDJ — Juventude Livre Alemã e da União da Juventude Comunista de Cuba.

Concursos de fotografia e dança

Integrado nas festividades que assinalarão o 25.º aniversário da fundação do PAIGC, o Comité do Partido do Sector Autónomo de Bissau levará a efeito uma série de actividades culturais em data a fixar.

Assim saliente-se a realização de concursos de fotografias, de dança tradicional, de baile de «tina» e de música e canção tradicional.

Ao concurso de fotografia poderão inscrever-se na sede do Sector Autónomo fotógrafos profissionais ou amadores para um tema livre, (escalação B) ou o tema «A criança», a preto e branco (escalação A). Os primeiros, segundo e terceiro prémios receberão respectivamente 2.500 pesos, 1.500 pesos e 750 pesos.

Aos concursos de dança tradicional e baile de

«tina» só podem inscrever-se grupos enquadrados nos comités do Partido nos bairros ou locais de trabalho, organizações de massas ou mandjuandades.

Os prémios são os seguintes: dança, música e canção tradicionais, dois mil pesos, mil pesos e quinhentos pesos; baile de «tina» dois mil pesos para o melhor grupo e dois mil pesos para o melhor dançarino.

Guiné-Bissau participa na Assembleia da OMS

A República da Guiné-Bissau está representada na 31.ª Assembleia Mundial da Saúde, organizada sob a égide da OMS, que decorre em Accra, capital do Ghana, pelo Dr. Paulo Carlos Medina, secre-

tário-geral do Ministério da Saúde e Assuntos Sociais.

Entre outros pontos a discutir neste encontro que terminará no próximo dia 23 do corrente, saliente-se a análise de

problemas fundamentais ligados à saúde que afectam o mundo neste momento e a necessidade de uma maior colaboração neste domínio entre os países membros da Organização Mundial da Saúde.

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NÓ PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

Redacção: Arlette Adília; António Tavares, Baltazar Bebiano, Barnabé Gomes, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigo, João Fernandes, José Flecha, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. Maquetagem — Cândido Camará. Fotografia: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tehuda, Manuel da Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. Secretária da Redacção: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.